

Conclusão

Ao longo desta tese, procuramos trabalhar com três focos direcionados para o cenário da (in)sustentabilidade: a construção de paradigmas societários, a inserção destes paradigmas no sistema econômico produtivo e a articulação com o campo do Design - em concordância com um modelo social.

Cabe ressaltar a importância do campo do Design no cenário aqui delineado. Mas o respeito pela diversidade impõe uma reflexão: sustentável, para quem? Se ao Design cabe configurar os artefatos e sistemas que compõem o cotidiano do indivíduo contemporâneo, estamos aqui nos reportando aos incluídos e excluídos do sistema. No discurso que suporta a sociedade pós-moderna, o foco está voltado para a diversidade de culturas, diversidade de indivíduos. Esta pluralidade se faz aparente através de cenários comprometidos com o campo do Design.

No decorrer desta pesquisa, tivemos a possibilidade de confirmar, através da fundamentação teórica, a questão que me instiga: o cenário que nos é mostrado a cada dia acerca da insustentabilidade. Sendo assim, recorri, inicialmente, a outra designação para este novo cenário: a distopia, ou seja, o contraponto da utopia. Entretanto, de acordo com o Prof. Leandro Konder o termo *cacotopia*³³³ se adapta melhor ao contexto da insustentabilidade.

As variáveis lineares concebidas para formatar os parâmetros da Sustentabilidade se apresentam, cada vez mais, incompatíveis com o panorama contemporâneo. Desta forma, ousaríamos afirmar que a Sustentabilidade é uma imaginação pós-moderna.

A reflexão sobre a teoria do Design impõe uma contextualização social, com fundamentos econômicos e, sobretudo, políticos. Desta forma, é possível visualizar, com mais clareza, qual o tipo de desenvolvimento que se pretende alcançar. De um lado, pode-se provocar uma avalanche consumista, com

³³³ Anthony Burgess, autor de *Laranja Mecânica*, em seu livro 1985, propõe uma nova designação para classificar sociedades imaginárias inóspitas e insalubres “cacotopia” do grego kakos=mau+ topos= lugar.

excesso de Design atrelado ao capitalismo flexível. Por outro lado, há que se questionar a que tipo de Design o verdadeiro desenvolvimento qualitativo deveria estar vinculado. Não obstante, ousaríamos afirmar que o acesso, cada vez mais facilitado, ao consumo de objetos de “design” não exerce nenhum tipo de garantia na melhoria da qualidade de vida do sujeito. Este fato é de simples demonstração quando verificamos a facilidade com que as populações de baixa renda têm hoje acesso aos bens de consumo, mas não têm acesso a uma assistência de saúde eficaz e a uma educação de qualidade. *Ir às compras* não aumenta a expectativa de vida de uma população, nem eleva o índice de escolaridade. Aqui, mais uma vez, estamos estimulando o crescimento desvinculado do desenvolvimento.

Coloco, por fim, que para o Design enveredar por outros caminhos, que insiram os 90% da pirâmide na roda do capitalismo flexível, em *direção* a um outro olhar, se torna imprescindível a opção ímpar por um eixo norteador pela variável ambiental, indiscutível, mas, sobretudo, pela variável social, ainda incipiente.

A sustentabilidade social vem na frente, por se destacar como a própria finalidade do desenvolvimento, sem contar com a probabilidade de que um colapso social ocorra antes da catástrofe ambiental.³³⁴

A questão central é se nós, designers, estamos interessados em construir uma nova fábula ou nos aproximarmos de um outro olhar para o Design. Um olhar para a mitigação da degradação humana e ambiental. Haverá um momento, já tão próximo de nós em que os olhares estarão voltados para outras necessidades básicas do ser humano que se iniciam na possibilidade do ato de respirar, e de ter um contato mais estreito com seres humanos.

Aqui não se pretende exaltar uma revolução social e cultural através do Design, mas salientar o papel relevante deste campo no cenário do desenvolvimento social que está obscurecido pelas variáveis insustentáveis da nossa contemporaneidade.

³³⁴ SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Org. Stroh, Paula Yone. Rio de Janeiro: Garamond, 2002, p.71.

Cabe ressaltar que, na revisita a modelos societários, realizada no segundo capítulo desta tese, as indagações, inquietações e conflitos, também se fizeram presentes em diferentes situações do panorama atual, apesar de se apresentarem, na nossa contemporaneidade, *no vácuo das utopias*.

Se a Fourier coube configurar o trabalho associado ao prazer, aos anarquistas coube transgredir à ordem vigente. Esta transgressão - também ressaltada no comportamento de Thoreau -, nos permite provocar uma reflexão instigante naquelas corporações que alardeiam aos quatro ventos seu comprometimento com a responsabilidade social, utilizando como instrumento o próprio Design. Cabe a este trabalho, tornar visível os procedimentos que compactuam com esta ação. Cabe, também, a este trabalho, apontar a insustentabilidade que nos rodeia, e, ao mesmo tempo, que nos anestesia.

[...] uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida.

Uma Aprendizagem ou o livro dos prazeres

Clarice Lispector